

AULAS DE REGÊNCIA E A PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

Marcos Vinícius Scheffel (UFRJ)¹

Resumo: Este trabalho discute a formação de professores de Letras a partir da observação de aulas de regência em campos de estágio dos alunos da UFRJ entre 2014 e 2016. Ao todo foram acompanhadas 69 regências em escolas públicas federais, estaduais e municipais. Tais aulas se dão na fase final de conclusão do estágio e após os alunos de Letras, futuros professores de Português e Literatura, terem cumprido dois semestres de Didática Especial. Discute-se aqui a especificidade da formação docente que muitas vezes não é observada em cursos que trazem uma profunda cultura bacharelesca – caso do Curso de Letras da UFRJ.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Aulas de regências; Formação de professores.

O presente trabalho analisa um conjunto de aulas de regência que tiveram em seu planejamento o texto literário. Essas aulas foram aplicadas por alunos do Curso de Letras da UFRJ entre 2014 e 2016, tendo a orientação de um professor de uma escola parceira (campo de estágio) e a minha supervisão na condição de professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Literaturas. Cabe destacar que a aula de regência acompanhada pelo professor supervisor é uma prática consolidada nas Licenciaturas da UFRJ. Essa dinâmica requer uma proximidade maior do professor supervisor dos campos de estágio e uma concentração dos estagiários num número reduzido de escolas, possibilitando inclusive a criação de projetos de ensino-aprendizagem em parceria com as escolas. Quanto à preparação dos estagiários para regência, é comum que o plano de aula, a definição do tema, a seleção de materiais, a definição das estratégias de ensino sejam previamente discutidos com as três partes envolvidas: estagiário, orientador de estágio e supervisor. A avaliação final desse processo leva em consideração as estratégias que funcionaram, as que não foram bem sucedidas e as que mereceriam ajustes. Como forma de registro, ao longo desses anos, produzo uma “resenha da aula” em que aponto as impressões sobre a aula e os aspectos a serem observados no ensino de língua e literatura. Todas essas práticas confluem para uma concepção formativa da avaliação, fornecendo um *feedback* qualificado aos futuros professores, e para a ideia que o estágio é um espaço de construção de saberes teóricos e práticos. Nesse sentido, pretendo comentar os ajustes que foram sendo promovidos na disciplina de Didática a

¹ Professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Literatura da UFRJ desde 2013. Doutor em Teoria da Literatura (UFSC – 2011).



partir da constatação de saberes e competências que precisavam ser reforçados procurando conectar teoria e prática. Numa perspectiva mais ampla, acredito que esse espaço privilegiado de observação dos estagiários atuando em sala possa fornecer subsídios para reformulação dos currículos das licenciaturas, pois é neste momento que se pode perceber os saberes e competências a serem construídos / problematizados ao longo do curso. Por fim, pretendo pensar em saberes e competências que devem ser construídos por um professor para poder lidar com os desafios de formar leitores na escola de educação básica.

No segundo semestre de 2014, comecei a acompanhar as aulas de regência dos licenciandos em Letras – Português e Literaturas. Entre 2014 e 2016, acompanhei 69 regências espalhadas por colégios estaduais, municipais e federais.

Desde o início dessa atividade achei importante manter um registro do que observei em cada aula. Chamo esses registros de “resenha de aula” - na falta de um nome melhor – e me valho deles com os seguintes propósitos:

- 1) fornecer um feedback para os alunos em relação ao desempenho deles durante a aula de regência, incluindo aí a fase de preparação dos materiais. Trata-se de uma avaliação formativa que procura romper com a simples atribuição de uma nota;
- 2) pensar nas competências necessárias para um professor de língua e literatura e assim promover ajustes na disciplina de didática e prática de ensino;
- 3) problematizar a própria licenciatura, admitindo que muitas questões não são apenas responsabilidade dos professores responsáveis pelas disciplinas pedagógicas.

Pensarei nesses dois últimos itens, pois acredito que eles estejam diretamente ligados às possibilidades e impossibilidades do estágio e à uma discussão mais profunda que concerne a termos uma percepção do perfil do profissional que estamos formando.

Me debruçarei aqui apenas nas regências que de alguma forma trabalharam com o texto literário (um total de 47 – 68% das aulas). A maior parte delas foram aulas em que o texto literário desempenhou um papel importante, sendo normalmente lido e discutido com os alunos da educação básica. Daí a grande ocorrência do conto, da crônica e da poesia nesses planejamentos.

Em linhas gerais posso destacar os seguintes problemas que são mais comuns nessas aulas (tanto na sua elaboração quanto na sua aplicação):



No planejamento:

- Falta de repertório para montar a aula: desconhecimento de autores e textos;
- Dificuldade de pensar o texto em decorrência da faixa etária;
- Excesso de materiais. Ânsia de dar conta de tudo em duas aulas;
- Após a leitura do texto:
- Não verificar se houve um entendimento mínimo do texto pela sala;
- Predomínio de uma postura metalinguística, que parte de elementos exteriores ao texto;
- Falta de uma discussão mais livre sobre o texto permitindo que a subjetividade dos alunos apareça (o estagiário traz uma interpretação pronta).
- Nas questões de sala:
- Desconhecimentos por parte do estagiário dos alunos e das dinâmicas de sala.
- Saber incorporar as percepções dos alunos à discussão do texto (ter um bom ouvido).

Por outro lado, também fiz uma lista das posturas desejadas e que ocorreram em muitas aulas:

- A escolha de temas engajadores na hora de montar a aula.
- A escolha acertada de textos que podem ser lidos em sala, como o conto, a crônica e o poema, e que oferecem um nível de resistência adequado;
- Articulação entre as teorias propostas em Didática e a sala de aula; Por exemplo: a articulação entre o ensino de literatura e a produção textual (uma leitura que provoca a escrita);
- Conhecimento dos alunos e das dinâmicas da sala;
- Retomada da fala dos alunos durante as discussões;
- Saber equilibrar os direitos dos alunos enquanto leitores e os direitos do texto.

No plano da reestruturação da disciplina de Didática, procurei ao longo dos últimos semestres inserir textos que pensassem no estatuto do jovem leitor, do leitor escolar, pois acredito que ninguém pode formar leitores sem ter essa preocupação. É necessário saber como os jovens e crianças leem, como muitas vezes eles se dividem entre um leitor escolar e um leitor não-escolar, as posturas adotadas pela escola que não formam leitores (como colocar os autores num altar e prestar tributo a eles).

Essas questões também são discutidas a partir das percepções que eles trazem da sua própria formação como leitores na escola ou em outros locais e das observações do



campo de estágio. Importante destacar a mudança de perfil dos alunos de Letras da UFRJ que hoje são em sua maioria periféricos e oriundos de escolas públicas. Muitos deles relatam nunca tiveram lido um livro indicado pela escola, quando muito tiveram aulas de historiografia literária.

Nesse sentido, uma leitura que tem marcado decisivamente nossas aulas é a do livro “Os jovens e a leitura”, de Michèle Petit. Há um processo de identificação muito grande entre os alunos de Letras e aqueles jovens periféricos de Paris, que vivem dilemas muitos parecidos ao habitarem entre duas culturas. Eu mesmo me senti profundamente identificado com o livro, pois sinto que a literatura gera zonas de pertencimento e não-pertencimento.

Ao chegarem ao final do curso de Letras muitos ainda não se formaram leitores, pois o curso de Letras também tem um caráter universalista e insiste em práticas que não formam leitores como o uso sistemático do xerox.

Num caminho inverso, tenho sempre indicado a leitura de um livro teórico por semestre, sendo que o primeiro semestre da Didática é voltado justamente para discussão da formação do leitor, para mediação da literatura em sala de aula e para o sentido de se ensinar literatura nos dias de hoje.

Outra questão importante é colocá-los na situação de escolha de textos para sala de aula e para conexão entre o ensino de literatura e a escrita na escola. Nesse último semestre, os alunos de didática tiveram que escolher uma crônica de um livro de crônica que emprestei para eles. Cada aluno pode escolher um livro (de 30 que disponibilizei) e teria que editar o material, promover a leitura em sala e avaliar as suas possibilidades didáticas.

Quanto à percepção de uma escrita mais autoral, produzi com uma turma um livro de crônicas sobre o ensino de língua na escola.

Tudo isso que estou falando tem um só objetivo: mostrar que a formação de um professor deve passar pela conexão entre teoria e prática. Se nossos alunos, passassem por um curso que tivessem em sua essência a formação de leitores nas práticas de seus professores isso com certeza se refletiria na ação deles na educação básica. Eles aprenderiam vendo como se formam leitores.

As dificuldades apresentadas por muitos deles são fruto de um currículo superado, de uma visão transmissiva de ensino, do pouco espaço para subjetividade ao se falar do



texto literário, à falta de formar professores que sejam leitores e autores. Pessoas que queiram formar outros leitores, pois a literatura teve um papel decisivo nas suas trajetórias.

Os alunos da periferia entraram na Casa de Minerva, porém esta continua indiferente, olhando de banda e de nariz torcido.

Referências bibliográficas

GERALDI, João Wanderley (org.); ALMEIDA, Milton José de [et al.]. *O texto na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*; tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

REGÊNCIAS 2014

| Aula | Como centro o texto literário | Historiografia literária | Livro lido pela turma | Texto como pretexto | Literatura e produção textual | Textos da práxis social | Produção textual | Nomenclatura Gramatical |
|----------------|-------------------------------|--------------------------|----------------------------------|---------------------|-------------------------------|-------------------------|---------------------|-------------------------|
| 1. | Crônica | | | | | | | |
| 2. | Conto | | | | | | | |
| 3. | Romance. | | | | | | | |
| 4. | | | | | | Notícia | | |
| 5. | Cordel | | | | | | | |
| 6. | | | | Crônica | | | | |
| 7. | | | | | | | Texto argumentativo | |
| 8. | Conto de fadas | | | | | | | |
| 9. | | Realismo | | | | | | |
| 10. | Conto popular | | | | | | | |
| 11. | | Naturalismo / Realismo | | | | | | |
| 12. | | Carta do descobrimento | | | | | | |
| 13. | | | | Música | | | | |
| 14. | | | Quintana de Bolso | | | | | |
| 15. | | | Menino do Mato, Manoel de Barros | | | | | |
| 16. | | | | Música | | | | |
| 17. | | | | | | | Propaganda | Coesão. |
| 18. | | | | Poesia | | | | |
| 19. | | | O médico e o monstro | | | | | |
| 20. | | | | Poesia | | | | |
| 21. | | | | | | | | Conectivos |
| 22. | | | 17 | | | | | Modo subjuntivo |
| 23. | | | | | | | | Período |
| Total : | 6 | 3 | 3 | 5 | 0 | 1 | 1 | 4 |

REGÊNCIAS 2015

| Aula | Como centro o texto literário | Historiografia literária | Livro lido pela turma | Texto como pretexto | Literatura e produção textual | Textos da práxis social | Produção textual | Nomenclatura Gramatical |
|----------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------------|---------------------|-------------------------------|-------------------------|------------------|-------------------------|
| 1. | | | | | | | | CV |
| 2. | | | | | | | Argumentação | |
| 3. | | | | Fábula | | | | |
| 4. | | | | | | | | Colocação Pron. |
| 5. | Conto | | | | | | | |
| 6. | Conto | | | | | | | |
| 7. | | | | | | | | Conjunção |
| 8. | | | A morte de Quincas | | | | | |
| 9. | | Naturalismo | | | | | | |
| 10. | | Arcadismo | | | | | | |
| 11. | | | | | | | | Complemento x Adjunto |
| 12. | | | | | | | | Separação silábica |
| 13. | | | | | | | Argumentação | |
| 14. | | | | | | | Entrevista | |
| 15. | | | | | | | | Pontuação |
| 16. | | Barroco | | | | | | |
| 17. | Conto | | | | | | | |
| 18. | Conto | | | | | | | |
| 19. | Conto | | | | | | | |
| 20. | Conto | | | | | | | |
| 21. | | | | | | | | Função sintática |
| 22. | Poesia | | | | | | | |
| Total : | 7 | 3 | 1 | 1 | 0 | 0 | 2 | 7 |

12

REGÊNCIAS 2016

| Aula | Como centro o texto literário | Historiografia literária | Livro lido pela turma | Texto como pretexto | Literatura e produção textual | Textos da práxis social | Produção textual | Nomenclatura Gramatical |
|----------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------------|---------------------|-------------------------------|-------------------------|------------------|-------------------------|
| 1. | Poesia | | | | * * * * * | | | |
| 2. | | | | | | | | Ind. Sujeito |
| 3. | Poesia | | | | | | | |
| 4. | | | | | | | | Conj. Adv |
| 5. | | Realismo | | | | | | |
| 6. | Conto | | | | | | | |
| 7. | | | | | | Notícia | | |
| 8. | Conto | | | | | | | |
| 9. | Poesia | | | | | | | |
| 10. | | Barroco | | | | | | |
| 11. | Poesia | | | | | | | |
| 12. | | Barroco | | | | | | |
| 13. | | | | Crônica | | | | |
| 14. | | | | Crônica | | | | |
| 15. | | | | | | HQ | | |
| 16. | | | | Poesia | | | | |
| 17. | Conto | | | | | | | |
| 18. | | Arcadismo | | | | | | |
| 19. | Crônica | | | | | | | |
| 20. | Crônica | | | | | | | |
| 21. | Música | | | | | | | |
| 22. | Música | | | | | | | |
| 23. | | Barroco | | | | | | |
| 24. | | | | | | | Resenha | |
| Total : | 11 | 5 | | 2 | 0 | 2 | 1 | 2 |

18